

Fernando Henrique Cardoso

O discurso dos chefes

Anteontem o ministro Mailson da Nóbrega compareceu ao Senado para prestar contas da evolução do Plano Verão. Ontem o líder dos Yanomami, Davi Kopenawa, agradecendo homenagem que recebia, fez um discurso no Congresso sobre sua luta, a luta dos povos indígenas.

Perguntará o leitor: o que tem a ver uma coisa com a outra? Nada e tudo. Isso é o Brasil: um conjunto (desconjuntado) de situações separadas umas das outras por séculos e, ao mesmo tempo, imbricadas, inapelavelmente, umas nas outras. Situação excitante, pode pensar o sociólogo ou o antropólogo. Desesperante, dirá o cientista político ao perceber que os desafios teriam de ser respondidos por um governo e por um sistema político que estão se desmilinguindo.

Com efeito, ao escutar o ministro da Fazenda e ao receber de sua assessoria informações sobre a composição do orçamento federal tive uma estranha sensação. O ministro, como é de seu ofício, procurava mostrar que o Plano Verão evitara a hiperinflação. Não negou a dramaticidade da situação salarial brasileira (a participação dos salários na renda nacional baixou para 38% enquanto o capital alcançou 62%, em contraposição com os 75% da participação dos salários nos EUA, ou com os 70% na Inglaterra) mas voltou a insistir que a redistribuição deve ser feita como diz o ditado: "Devagar com o andar porque o santo é de barro". Santo, no caso, seria o capital.

Na lógica ministerial é assim mesmo. Só que ao olhar-se a composição dos dispêndios orçamentários vê-se o drama de outro modo: a despesa com pessoal alcança 28% do orçamento, com o serviço da dívida atinge 27,2%, transfere-se aos Estados e municípios 19,4% do orçamento, existem recursos vinculados (por exemplo: salário educação) da ordem de 17,5% e sobram apenas 7,9% para "o resto". Ou seja: o governo federal está imobilizado nas suas decisões de gasto e os juros das dívidas empatam com o gasto de todo o pessoal da União!

Dito de outro modo: nas relações capital-trabalho, perde o trabalho e as perdas, para o ministro, não podem ser compensadas depressa senão comprometeriam o investimento; por outro lado as dívidas são tão vultosas que, mesmo comprimindo-se salários e tudo mais, a margem de manobra do governo no orçamento é mínima.

E que tem isto a ver com os Yanomami? Tem a ver que Davi Kopenawa, de modo irretorquível, defendeu seus direitos, clamou por pontos concretos, reclamou dos garimpeiros, da poluição dos rios, da ocupação das terras indígenas e foi claro: o governo não faz nada. Melhor ainda, o chefe Yanomami explicou na melhor "lógica do concreto" por que não só os índios mas também os "brancos pobres" estão na pior e continuarão nela se não lutarem por seus direitos e se não pressionarem "o governo".

Recordei-me, além do que escreveu Levy Strauss sobre a lógica do pensamento selvagem, de um artigo de Pierre Clastres sobre o discurso dos chefes Guarani. A tese era simples: o discurso do chefe é vazio, para atender a todos.

Só que, no caso, "chefes" são os brancos. Diante das reivindicação direta, existencial, concretíssima (tanto faz do índio como do trabalhador branco), a ginástica mental dos doutos que, circunstancialmente, exercem ou representam o poder, torna-se vazia.

Para finalizar: ontem, nesta coluna, o deputado Delfim Netto enfatizou a possibilidade de que, pelo menos no diagnóstico, pessoas com pensamentos tão diferentes quanto ele e eu, concordássemos. E citou pontos nos quais concordamos. Acrescento: também concordo com ele quando diz que cerca de US\$ 30 bilhões da dívida externa são consequência da flutuação da taxa de juros e, portanto, não constituíram investimento algum para benefício do país, o que exige uma negociação que reduza o peso da dívida.

Pois bem, se é assim, por que, ao invés de taparmos o sol com a peneira, tentando justificar com duntas considerações o que é difícil de justificar, não reconhecemos todos os pontos mínimos sem cujo atendimento nem o país nem, muito menos, seu sofrido povo, sairão do desespero para encontrar a esperança?

Em sua singeleza ativa Davi Kopenawa Yanomami deu o sinal do que é preciso. Menos palavras, menos divergências e mais ação para mudar uma situação que, a diferentes níveis, é insuportável para o povo e para o país.